

# mais do que possuir

shayla black

Tradução de Nanci Marcelino

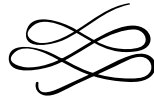
## ***SOBRE MAIS DO QUE POSSUIR***

O meu nome é Griffin Reed, empresário implacável e filho da mãe competitivo. A confiança é uma obscenidade e toda a gente é dispensável... à exceção da Britta Stone. Há três anos, antes de, estupidamente, a ter descartado, era tudo para mim. Pensei que o meu infortúnio fosse a forma de pagamento pelo meu pecado — até descobrir que temos um filho. Descobrir que está noiva de um bronco, com pressa para se casarem, deixa-me ainda mais irritado. Tenciono reconquistá-la e criar o nosso filho. É claro que terei de ser implacável. Felizmente, esse é um dos meus mais notáveis talentos.

Quase 60 dias. É tudo o que peço à mãe solteira independente e determinada — 24 horas, sete dias por semana. Sob o meu teto. E, se conseguir fazer valer a minha vontade, na minha cama. A Britta diz que não quer nada comigo. Mas a linguagem corporal e os beijos apaixonados fazem dela uma mentirosa. A única coisa que agora tenho de fazer é convencê-la a render-se à velha magia que existe entre nós. Assim que conseguir tê-la como quero, farei tudo o que for preciso para lhe provar que preciso dela para lá de tudo na vida.

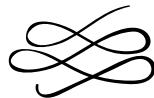


## DEDICATÓRIA



Dedico este livro a todos os que já amaram alguém com toda a sua alma e desejaram ter um final feliz, apesar das probabilidades...

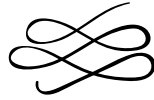
## AGRADECIMENTOS



Jamais teria sobrevivido a este livro sem o apoio de algumas das pessoas que mais amo na vida, e a quem costumo agradecer. Estas pessoas ajudam-me a sorrir, dão-me a mão e convencem-me a não seguir em frente quando ameaço optar por uma carreira sensata. À minha família maravilhosa — William e Baby — e também às minhas amigas — Rachel, Shannon, Jenna, Isabella, Lexi, Kris, Liz —, jamais conseguiria fazer o que quer que fosse sem estas pessoas fantásticas na minha vida. Abraços e beijinhos repenicados!



## PREFÁCIO



Existe uma infinidade de maneiras de se dizer a alguém que a amamos. Nalgumas das mais poderosas nem sequer são precisas palavras. Era esta a realidade que se passeava pela minha mente quando delineeí esta série pela primeira vez: escrever sobre um amor tão completo que meras letras presas umas às outras para formarem frases não eram um comunicador adequado para estes sentimentos. Para esta série, a minha escolha recaiu na música.

*Adoro* música. Estou sempre absorta nela e passo horas por dia com os auriculares enfiados nos ouvidos. Escrevo ao som da música. Penso ao som da música. Até durmo ao som da música. Fiquei entusiasmada por incorporar na história músicas que achei serem significativas para esta viagem. Penso do seguinte modo: um filme tem banda sonora. Porque é que um livro não haveria de ter?

Por isso, criei uma.

Algumas das músicas que escolhi são conhecidas. Algumas são antigas. Algumas são mais recentes. Algumas são populares. Algumas obscuras. Todas elas encaixam na perfeição (na minha opinião) e são escolhas diretas do coração. Ouvi muitas destas músicas enquanto escrevia o livro.

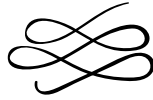
Para uma compreensão (e sensação) total, recomendo vivamente que se familiarize com estas músicas e as ouça, literalmente ou na sua mente, enquanto lê. Devido à questão dos direitos de autor, não posso usar as letras com o máximo rigor, mas tentei transmitir ao leitor a essência das mais

importantes para a história de Britta e Griff. Para que também seja fácil para si ouvi-las, criei uma lista de reprodução para o Spotify.

Abraços e boa leitura!

BLACK — Pearl Jam  
WINDOWS — Angel Olsen  
UNCHAINED MELODY — The Righteous Brothers  
PICTURES OF YOU — The Cure  
WHERE I STOOD — Missy Higgins  
DIDN'T YOU KNOW HOW MUCH I LOVED YOU — Kellie Pickler  
FOR A LIFETIME (Vox mix) — Lustral  
BREAKING TIES — OceanLab  
GOOD RIDDANCE — Green Day  
KE KALI NEI AU (The Hawaiian Wedding Song) — Andy Williams  
CAN'T HELP FALLING IN LOVE — Elvis  
LIES — Trifonic  
WRAPPED IN YOUR ARMS — Fireflight

## NOTA DA AUTORA



Obrigada por ler este conjunto de livros da minha coleção “Mais do que palavras”. *Mais do Que Possuir* é o segundo livro. Se gosta de ler coleções por ordem, comece pelo *Mais do Que Querer*. Os livros desta coleção, porém, fazem parte de um conjunto, não são séries individuais, o que significa que será mais fácil entender a história secundária, as personagens secundárias e outros elementos se tiver lido todos os livros por ordem. Mas o romance principal de cada livro é autónomo. Por conseguinte, não tem de ler todos os livros para entender esta história de amor baseada numa segunda oportunidade.

Para quem tiver lido *Mais do Que Querer*, a cronologia de *Mais do Que Possuir* sobrepõe-se em 10 dias. A história de Britta e Griff começa antes do fim do percurso de Keeley e Maxon. Por isso, ao ler a reunião e o final feliz do irmão Reed mais velho e da sua amada, no primeiro livro, neste verá parte do tempo que passaram afastados.





# CAPÍTULO UM

*Griff*

Como raio é que fiquei nesta situação?

São nove e meia da noite. A esta hora já costumo estar enroscado na cama com o meu portátil e algum trabalho... ou com mais um caso insignificante de uma só noite. Em vez disso, vou a toda a velocidade pela Estrada Nacional N.º 30, com a brisa que entra pela janela aberta a bater-me no cabelo à medida que acelero ao longo da viagem de quase uma hora em direção a Kihei. Passados mais de três anos, vou ter com a única mulher que nunca consegui esquecer.

E com o filho que não sabia que tinha.

*Caramba, sou pai!* Ainda nem processei bem isto desde que o fiquei a saber há 10 minutos. Agora não consigo chegar a eles suficientemente depressa. Desvio-me de um turista lento e passo um sinal amarelo. Sim, estou a cometer várias infrações do Código da Estrada. E não quero saber. Só preciso de chegar lá.

*E depois?*, sussurra uma voz na minha cabeça.

Não faço a mínima ideia do que vou dizer à minha ex-namorada Britta. Isto é, não será bem assim. Pretendo descobrir por que diabos nunca soube nada sobre a gravidez. Outrora, amei aquela mulher. Vivi com ela. Queria casar com ela.

Depois armei-me em parvo. E ela deixou-me.

Desde então, tem estado tudo virado do avesso.

Atiro o passado para trás das costas e tento pensar no futuro. A minha prioridade é finalmente conhecer o nosso filho. Vou insistir nisso. O meu irmão diz que o Jamie é muito parecido comigo. Baseado nas fotografias do Maxon, concordo. E mal posso esperar para conhecê-lo.

Perdi tanta coisa: a gravidez, o parto, o primeiro ano, os primeiros passos, as primeiras palavras... Estou chocado com o quanto isto me está a roer por dentro. As crianças nunca fizeram parte dos meus planos. São engraçadas, para outra pessoa qualquer. Não estava interessado em limpar narizes e cus. Mas bastou olhar uma vez para a fotografia daquele menino com a minha cara e os olhos azuis da mãe para me sentir estupefacto. E senti-me protetor. Aquela foto dele a sorrir, com o camião de brincar no punho rechonchudo cerrado, mudou completamente o meu mundo. Impulsionou a minha determinação em não perder nem mais um dia da vida de James Tucker Reed.

Ah, ele ainda não tem o meu apelido. Mas vai ter. Farei o que for preciso para me certificar disso.

O telemóvel vibra no meu bolso. Tenho a esperança de que não se trate de um cliente. Embora seja verdade que os agentes imobiliários nunca estão realmente fora de serviço, especialmente os que vendem propriedades multimilionárias, neste momento não estou com o estado de espírito para lidar com trabalho. Felizmente, ao olhar para o ecrã ligado por *bluetooth* ao meu descapotável *Porsche 911 Carrera* para ver quem estava a ligar, não fico surpreendido com o nome que apareceu. Já estava à espera.

Fecho a janela e primo o botão para falar.

— Olá, Keeley!

— Griff, o teu encontro com o Maxon já acabou? O que aconteceu?

No nosso reencontro de há alguns minutos foi a primeira vez que falei para o meu irmão em mais de três anos, por isso tratou-se de um acontecimento muito importante. Costumávamos ser chegados, os melhores amigos e parceiros de negócios — antes de eu lixar tudo. A reconciliação desta noite não teria acontecido sem a Keeley e sem ela ter concordado, de má vontade, em participar numa pequena espionagem empresarial, vigiando o Maxon por mim. Apesar de ele ainda não ter saído daquela sua ignorada fase arrogante, ela apaixonou-se por ele. Mas esta noite descobri que ele também se apaixonou por ela. Para já, ainda não vou contar nada à Keeley sobre a determinação do meu irmão em reconquistá-la e convencê-la a casar com ele. Ela precisa de passar algum tempo com a família em Phoenix para pensar. Depois, se decidir voltar para o Maui, e para o Maxon, ajudarei o meu irmão mais velho a concretizar o gesto romântico de fazer deslizar um anel no dedo dela.

— Sim. O Maxon e eu falámos sobre a separação. Sobre os principais motivos por que deixámos de nos dar um com o outro. Por acaso falámos sobre muitas coisas. — E, depois de tanta fealdade e conflitos, soube mesmo muito bem. — Fizemos as pazes. Decidimos que, em vez de sermos concorrência um do outro, vamos trabalhar juntos para angariarmos a propriedade dos Stowe. E, se o acordo correr bem, depois pensamos em tornar a parceria definitiva outra vez.

— Isso é ótimo! — Parece verdadeiramente feliz por mim... mas apercebo-me do tom triste na voz dela. — Deve ter sido mesmo fantástico estares com o Maxon, a falar sobre negócios, a pôr a conversa em dia...

— Sim. — Relembro o encontro mentalmente e penso em pormenores que possam alegrá-la. — Ele parece diferente. Tenho de agradecer-te por isso.

A Keeley não fala durante muito tempo, o que me diz algo sobre o seu estado de espírito. Ela nunca é contida.

— Não me agradeças. Tinha mesmo esperança de que ele percebesse o que era importante, mas, Griff... não posso mudá-lo. Ele tem de querer ser um homem diferente. Tal como tu quiseste.

Ela tem toda a razão. Mas o Maxon parece realmente ter crescido enquanto pessoa. Com sorte, ela volta para casa e vê isso.

A Keeley suspira.

— É tão bom que tu e o teu irmão se falem outra vez. Pelo menos, a confusão que armei com ele teve alguma coisa de bom. Por favor, sê feliz. Depois de tudo o que aconteceu, mereces.

Está a ser simpática. Não mereço merda nenhuma. Também sei que não vale a pena discutir sobre isso com a Keeley.

E como é possível que o meu GPS diga que ainda faltam 30 minutos até chegar ao meu destino?

Recordo as últimas semanas, tudo o que aconteceu... E é então que me apercebo de algo. Há mais de dois anos que ela é a minha melhor amiga e confidente. Então, porque é que ela me apunhalaria pelas costas desta maneira?

— Sabias que eu tinha um filho, não sabias? — Passo uma mão pelo cabelo. — Durante quanto tempo é que me escondeste isso?

— Então o Maxon contou-te sobre o Jamie? — sussurra. — Isso é bom. Tens de...

— Quanto tempo? — Sem resposta. Os silêncios infundáveis estão a dar cabo da minha paciência reconhecidamente reduzida. — Caramba, Keeley...

— Quase três semanas. Desculpa! — apressa-se a acrescentar. — Espero que me perdoes por não te ter contado.

É pedir muito. A Keeley sabe que tenho graves problemas de confiança. Mas não lhe contei a história toda sobre o motivo desses problemas.

Que diabos, não contei a ninguém.

— Três semanas, porra? — berro. — Mas que raio...? Ele é meu *filho*. Porque é que haverias de o esconder de mim?

— Se te tivesse contado assim que descobri, terias ido logo confrontar a Britta e estragavas tudo o que eu andava a arquitetar com o Maxon para ti... Só fiz mesmo o que achei que era o melhor dada a situação. — Cala-se. — Espera lá, parece que estás no teu carro. Por favor, diz-me que estás a ir direitinho para casa.

Percebo o que quer dizer. Provavelmente até tem razão. Os meus planos teriam ido todos por água abaixo, se eu tivesse tirado satisfações com a Britta há três semanas. Ainda há grandes probabilidades que isso aconteça esta noite. Por outro lado, a única coisa em que consigo pensar é que, se tivesse ficado a saber disto mais cedo, podia ter passado por um pouco menos de infortúnio e podia ter estado um pouco mais incluído na infância do Jamie.

— Dou demasiado valor à minha melhor amiga para lhe mentir.

*Ao contrário de algumas pessoas.* Fica tudo nas entrelinhas.

— Vá lá, Griff. Jamais te magoaria propositadamente. Sabes bem disso.

*Foda-se!* Pois sei. Tenho de respirar fundo, contar até cinco e lembrar-me de que a Keeley nada tem a ver com as pessoas com quem costumava dar-me. Assim que o faço, desejo poder retirar as palavras mordazes que disse. Seria de esperar que eu tivesse aprendido a lição depois da desgraça que atraí ao não conseguir confiar em ninguém. Mas não, por vezes a minha certeza impulsiva de que alguém está a lixar-me é instantânea e inevitável. No meu inconsciente, estou sempre à espera de que as pessoas me traíam. Por isso, ataco antes. Às vezes mesmo sem pensar. Raios partam! Tenho de travar a amargura que me tem perturbado ao longo de metade da minha vida e começar a lidar com ela. Juntamente com o meu choque e a frustração em relação ao Jamie. O primeiro passo é pedir desculpa à Keeley.

— Pois sei. Desculpa. — Estremeço. — Sou um idiota. Sei que sou.

— Por vezes «idiota» é favor. Pelo menos ouviste-me e não desligaste.

Para mim já é um progresso. Recusar-me a ouvir uma palavra do que o Maxon e a Britta tinham a dizer em defesa deles há três anos foi o lindo serviço que lhes prestei.

— Estou a tentar aprender.

— Eu sei. Esta noite foi demasiado para ti. Mas nem toda a gente é tão indulgente quanto eu. Se vais ter com a Britta porque queres conhecer o Jamie, não podes lidar com isto como um parvalhão. — O tom de voz dela suaviza-se.

— Tens razão.

— Quando o Maxon me contou sobre ele, não te disse nada porque acreditei piamente que, se conseguíssemos que o teu irmão ficasse do nosso lado, ele não interferiria se tentasses incluir o Jamie e a Britta na tua vida. Mas há três semanas terias desatado a discutir, furioso, e só farias perguntas depois. O Maxon transformar-se-ia num obstáculo. E tu terias destruído todos os caminhos possíveis para estares com as pessoas de quem mais precisas.

Inquieto, bato com o polegar no volante. A Keeley tem razão. A minha consciência sabe-o. O resto do meu ser continua hesitante e não conseguia admiti-lo em voz alta.

— O que é que faço a seguir?

— Faz inversão de marcha e vai para casa.

— Nem pensar. Já vou com anos de atraso.

— Mas fazeres isso agora não é inteligente. Não tiveste tempo para processar o choque.

— Esperar para conhecer o meu filho não é a solução! Mas, mesmo que o veja hoje, como é que o compenso por não ter estado lá para ele desde que nasceu? — Tenho de corrigir isto o mais depressa possível.

A Keeley suspira.

— Tenho a certeza de que sentiria o mesmo se estivesse na tua situação. Tem calma com a Britta. Não suponhas o pior.

Darei o meu melhor.

— O Maxon jura que a Britta tentou contar-me acerca do bebé. Não sei como nem quando nem...

— Acho que tens de acreditar nele.

Depois de não ter conseguido confiar no meu irmão em relação ao negócio que nos separou, agora já não posso chamar-lhe mentiroso.

— Pronto. Então, a Britta tentou contar-me.

Como é que não a ouvi nem a entendi?

— O Maxon disse que ela escreveu-te uma carta.

— Ora aí está a merda de uma maneira nada pessoal de se dizer a um gajo que ele está prestes a ser pai.

— Que escolha é que lhe deste, Griff?

Lá vai a Keeley outra vez esfregar-me a verdade inconveniente na minha cara. Depois da nossa separação, rejeitei as chamadas da Britta e eliminei as suas urgentes mensagens de voz. A única alternativa que lhe restou foi meter um selo numa carta e enviar-ma pelos correios.

Céus, fui um imbecil de merda! Quem me dera poder voltar atrás naqueles dias merdosos que destruíram a minha vida.

— Nunca recebi a carta. Não faço a mínima do que lhe aconteceu. — Mas começo a suspeitar.

— Disse isso ao Maxon. — Cala-se. — Quando te despediste do teu irmão, há uns minutos, referiste que ias a casa da Britta?

— Diretamente não, mas tenho a certeza de que ele consegue ler nas entrelinhas.

Outra pausa. Conheço a Keeley: está a preparar-se para me perguntar algo sério.

— Como é que vais sentir-te quando voltares a vê-la?

Não é uma excelente pergunta? Até ver a Britta há um mês, num restaurante com um tipo havaiano qualquer vestido de fato, a quem só faltava acariciá-la em público, teria jurado que já a tinha esquecido. Que estava imune. Fui bom a mentir a mim mesmo. Mas nessa noite, quando o vi a tocar-lhe, tive vontade de lhe arrancar a cara com as minhas próprias mãos. O que mais me roeu por dentro foi o facto de a Britta nem ter reparado em mim.

— Passei muito tempo a achar que ela me tinha traído para ajudar o meu irmão a fechar um negócio enorme nas minhas costas. Agora que sei que não o fez, devo-lhe um pedido de desculpas. Na verdade, mais do que um. Mas estou tão fudo. — Não com ela mas com a vida. Com as circunstâncias. Com todas as coisas que não posso mudar voltando atrás. Principalmente comigo.

Tento não pensar nisso. Esta noite será dedicada ao Jamie. Como me sinto em relação à Britta já não interessa. Teoricamente, ambos seguimos em frente. Ela tem um namorado novo e tentarei dar-me bem com esse tipo e conter-me para não cometer um homicídio.

Não prometo nada.

— Quando estiveres com ela, ouve. Não faças julgamentos precipitados. Mantém-te calmo. Respira para controlar a tua ira. Berrar com ela não te leva a lado algum. De facto, usa o resto da viagem para refletires bem antes de agires. Se queres fazer parte da vida do teu filho, é importante que tenhas uma estratégia.

Ouçó o tom racional e tranquilizador da voz dela. Costuma usá-lo quando tenta afastar-me do precipício. O que tem sido muitas vezes ao longo

destes últimos anos. Fico grato por todos aqueles dias em que ela atendia os telefones daquela terapeuta inútil que consultei durante algum tempo. A Keeley é muito mais inteligente do que aquela má médica. Tem-me ajudado tanto. E dá sempre o conselho certo... mesmo quando não quero ouvi-lo.

— Obrigado. Já trato disso. Como estão as coisas em Phoenix?

— Bem. É bom ver a minha mãe e o Phil. Eles estão tão bronzeados da viagem ao Pacífico Sul... As fotografias que tiraram são lindas!

— Estás com inveja?

— Sim — responde rapidamente como se fosse algo óbvio.

— Hum, tu vives no Havai. — Quando ela desata a rir, sorrio até ambos acalmarmos. — Vais voltar?

Fica calada durante um bocado.

— Não sei. Suspeito de que tanto eu como o teu irmão temos de refletir. Não consigo pensar bem quando vejo sítios onde estivemos sempre que me viro e... — suspira. — De certeza que parece uma tolice, mas não estou pronta para lidar com isso.

— Não é tolice nenhuma. Lembro-me de me sentir devastado por estar nesta maldita ilha e de, todos os dias, tropeçar num qualquer sítio que me fazia lembrar a Britta e o que costumávamos partilhar.

— Obrigada. Deixei-te uma coisinha no teu leitor de CD quando me levaste ao aeroporto.

Hesito.

— Devo ficar com medo? Não é mais daquela música de meditação para gafanhotos a foder, pois não?

A Keeley volta a rir como se não conseguisse decidir se me dá na cabeça ou se simplesmente se diverte.

— Não. Eram cigarras e não sabemos se estavam a foder, pateta.

— Também não sabemos se não estavam. Soava a uma orgia de insetos.

Percebo um tom muito semelhante a *O que é que hei de fazer contigo?* no riso dela.

— Sabes bem que a música me ajuda a interpretar sentimentos, ou dar conselhos, quando não consigo dizer as palavras certas. Por isso, deixa de me azucrinar e ouve o que te deixei, está bem?

Tenho a certeza de que é algo importante que tentará fazer-me seguir em frente, etc. Ela sabe que acho essa merda penosa. Porque é que não me deixa chafurdar na lama como um bom amigo faria? Porque não é o estilo dela. Provavelmente é por isso que é minha amiga.

— Está bem — resmungo. — Eu ouço.



— Gostava de estar aí para ajudar a fazer com que esta noite não fosse tão difícil para ti. Estou mesmo a tentar ajudar.

— Eu sei. — E há alguns anos ter-me-ia perdido sem a amizade dela.  
— Obrigado.

— Não te esqueças do que pretendes alcançar com a conversa. Não te desvies dos assuntos que te ajudarão a vencer a tua causa.

Por outras palavras, não ser estúpido e esfolar a Britta viva com a minha língua afiada.

— Não o farei.

— Sim, sim. Deixa-me traduzir isso por linguagem de Griff. Mantém-te calmo, caso contrário não vais conseguir o que queres. Liga-me mais tarde.

— Está bem. A sério, obrigado por tudo.

— Podes agradecer-me endireitando a tua vida e finalmente sendo feliz. Isso não seria bom? Claro. Só não fico à espera que isso aconteça.

Passo os quilómetros seguintes da viagem ao som da música que a Keeley me deixou. Já devia saber que ela encontraria a canção perfeita para a ocasião. O conhecimento que tem de música é uma loucura. O que sei sobre isso pode ser raspado com uma moeda. Até a conhecer nunca prestara atenção a toda a angústia existencial melódica que passa na rádio. Mas tenho de admitir: gosto.

Ela deixou um *post-it* na caixa do CD que diz: *pensa sobre isto por mim, por favor?* Não posso recusar.

O arranhar da guitarra na abertura da primeira canção é icónico. Depois a voz do Eddie Vedder grita um suave «Ei!». Já sei que esta canção é a *Black*, dos Pearl Jam. Muita gente pensa que esta música é sexual. Se prestarmos atenção à letra, é deprimente como o raio. Mas também descreve o ponto em que estou encajado. Outrora, a minha Terra movia-se totalmente em torno do meu Sol, a Britta. Depois da separação, o ar que eu sentia e respirava mudou. Exatamente. Uma descida a pique para o Inferno. As minhas mãos amarguradas continuam a vasculhar sob as nuvens em busca do que era tudo para mim. Todas as minhas imagens, as minhas memórias, foram tingidas a preto. É a forma «subtil» que a Keeley tem de dizer que estou de luto há três anos.

A sério!?

Passo a última parte mais longa da música à frente e avanço para a seguinte. As primeiras notas de uma melodia desconhecida emanam das

colunas de som. Pego na caixa do CD e dou uma vista de olhos. Esta música chama-se *Windows*, de alguém chamado Angel Olsen, que tem uma voz impressionante. No fim, ela diz-me que estou cego e tenho estado morto e que está na hora de abrir uma janela e deixar entrar alguma luz.

Suspiro. Quando tem alguma coisa a dizer, a Keeley nunca é acanhada.

Reconheço a terceira canção antes do final da primeira palavra. *Unchained Melody*, dos The Righteous Brothers. A música é arrebatadora e épica. Nas primeiras três linhas, já me sinto como se a letra me tivesse apunhalado e deixado ali a esvaír-me em sangue. Sim, estou a ser totalmente sincero, e a Keeley sabe disso demasiado bem: há muito tempo, um tempo solitário, que desejo a Britta ardentemente. Algumas linhas mais adiante refletem exatamente o que, bem lá no fundo, me pergunto. Será que ela ainda é minha?

Mas já sei a resposta. Ela deve detestar-me. Sem saber, abandonei-a quando estava grávida. Porque é que haveria de não me detestar?

Desligo a música a meio da canção. Prefiro conduzir em silêncio do que fantasiar que ainda há a mais ínfima esperança para mim e a Britta, enquanto o Bobby Hatfield continua com o queixume perfeitamente afinado.

Mas desligar as distrações acústicas deixa-me sozinho com os meus pensamentos. Até aparecer a Keeley e a maldita lista de músicas dela, a minha atenção estava centrada no Jamie, e não na mulher que deu à luz o meu filho. Não na mulher que outrora foi dona do meu coração.

E se, bem lá no fundo, existir uma hipótese de ela ainda *ser* minha?

Credo, tenho de acabar com esta merda emocional. Não posso ver a Britta sem ter a cabeça no lugar. O meu único objetivo é conhecer o meu filho. *Concentra-te nisso, imbecil.*

Ligo o rádio e não presto atenção nenhuma aos analistas políticos. Pelo menos, não estão a tentar arrancar-me o coração pelos ouvidos. Já estou intimamente familiarizado com essa sensação. Instalou-se depois de eu e a Britta termos deixado de ser um casal e nunca mais me largou.

Minutos mais tarde, paro à frente da casa dela e analiso-a atentamente. É pequena mas bonita. Fachada azul-clara, porta branca, simples, jardim bem cuidado. Basta um olhar para perceber que tem menos de 450 metros quadrados. Conheço este bairro. É decente e não é horripelantemente caro, pelo menos segundo os padrões do Maui. Fico grato por a Britta ter dado uma casa estável ao meu filho. Fico contente por o meu irmão, e não o namorado dela, ter dado apoio financeiro a este teto, porque é impossível que ela conseguisse pagar esta casa sem a ajuda de um deles.

Isso vai mudar. Na verdade, tudo vai mudar.

Estaciono na rua. Apesar da longa entrada e do telheiro para carros, não tenho sítio onde estacionar o meu dispendioso veículo. Para onde quer que olhe, está tudo cheio de carros: *sedans*, desportivos, jipes. Velhos e novos. É impossível que viva tanta gente numa casa tão pequena.

Será que ela está a dar uma festa? A uma quinta-feira à noite?

Com o sobrolho franzido, saio do meu *Porsche*. A brisa havaiana dá uma picadinha fresca que me lembra que estamos em fevereiro. Tento não pensar no facto de que o dia de São Valentim é já na próxima terça-feira. De certeza que alguém inventou a merda do dia dos namorados só para perturbar as pessoas solteiras. Todos os anos arranjo uma mulher qualquer que também não consegue suportar a solidão sem ter alguém com quem fazer de conta. No ano passado, a merdice começou num bar qualquer para turistas e acabou num hotel chique com orgasmos insignificantes e arrependimento. Às duas da manhã já estava em casa, no chuveiro a tentar purgar-me dos meus pecados.

Ao subir os degraus até ao alpendre da casa da Britta concentro-me no presente e onde estou. Algures naquela casa está o meu filho... e a mãe dele.

Com o conselho da Keeley em mente, respiro bem fundo para me acalmar e dirijo-me para a animada porta da frente. O brilho suave da luz do alpendre ilumina o pedaço de papel que alguém colou com fita-cola no centro. «Estamos nas traseiras. Entrem pelo portão lateral. Está destrancado.»

O gatafunho não se parece com a letra da Britta.

Cerro os dentes e volto a descer os degraus para procurar o portão lateral. Ziguezagueando por entre os carros espalhados pela entrada, consigo chegar à vedação e vejo um intervalo: a porta de madeira ligeiramente aberta.

Que diabos é que se passa? Não faço ideia enquanto a abro.

Do outro lado do pátio, esticado entre um par de palmeiras que se balançam, está uma grande faixa escrita à mão, que me congela.

«Parabéns pelo vosso noivado, Britta e Makaio.»

*Foda-se!*

O Maxon avisou-me de que isto podia acontecer. Mesmo assim, colado ao mesmo lugar, releio a faixa. Sinto o corpo a latejar. A cabeça a mil à hora. O sangue a fervilhar.

Apesar do facto de, obviamente, saber que ela já não me pertence, quero matar alguém. Mas a minha reação é puramente primitiva.

Diz-me que o que quer que tenhamos tido já acabou, juntamente com a minha esperança ridícula.

Esforçando-me para acalmar um bocado a minha ira, respiro fundo e enquanto examino o pátio digo a mim mesmo para ser prático. Não vejo crianças. Será que o Jamie já está a dormir? Talvez. São dez e meia. As crianças pequenas não vão para a cama cedo? Não pensei nisso antes. Raios partam!

Agora, o que hei de fazer? Não estou com disposição para ficar aqui e brindar aos noivos.

Não é difícil ver a Britta, já que é a única loura num mar de havaianos nativos com padrões tropicais coloridos e sandálias, a fazer brindes e a sorrir.

Ao longe, vejo que traz uma saia travada, cinzenta-clara, que lhe fica justa a uma curva nas ancas que não costumava ter. Está com um cu mais sumptuoso, mais redondo. O cabelo dela, embora esteja apanhado de uma forma clássica, parece mais comprido ou mais denso — qualquer coisa.

O desejo que me arrebatava é mais forte do que nunca.

Credo, quando é que vou deixar de a desejar?

Está a conversar com uma morena bonita, mais ou menos da idade dela. A mulher atraente abraça-a, com alegria manifesta no enorme sorriso. A Britta responde. Consigo perceber isso porque ela continua a falar com as mãos. É graciosa, como sempre. Não é de admirar. Ela entrou na faculdade com uma bolsa de dança.

Lembro-me de vê-la a mover-se pelo palco pela primeira vez. A beleza dos movimentos dela deixou-me estupefacto. A forma como ela estava ciente de cada músculo, o controlo absoluto que tinha sobre o mais ínfimo gesto. *Collants* transparentes e uma saia fluida de *chiffon* que se movia em torno das coxas dela provocaram-me uma ereção dos infernos. Nessa época, era patrão dela. Tinha começado a trabalhar para mim e o Maxon muito recentemente. É claro que eu apreciava a inteligência dela no escritório e o talento no palco. Mas, acima de tudo, desejava ser envolvido por aquelas coxas esbeltas enquanto a fodia. Disse a mim mesmo para me conter. Ela ainda era nova. Tudo o que tinha a ver com ela me gritava para tirar as patas. Não dei importância. Corrompi cada milímetro da inocência dela. Depois afastei-me, deixando-a com uma gravidez que ela não planeava e eu com uma montanha de raiva e arrependimento.

Imagino o quanto ela terá mudado. O Maxon disse-me que estraguei algo nela. Foda-se.

Será agora uma pessoa amarga? Introversa? Será que me detesta muito?

Em quantas camas terá dormido depois da minha?

Engulo a pergunta em seco. Não tenho o direito de perguntar. Além disso, será que quero mesmo saber?

Não tiro os olhos dela, observando os seus ombros esguios enquanto ri delicadamente. Ouço o riso sobreposto ao ruído das conversas. Sabe bem ouvir que ela está feliz, mesmo apesar de eu estar tão incrivelmente triste.

Ninguém reparou em mim. Tenho de aproximar-me dela, de pensar em algo racional e não-conflituoso para dizer. Ou dar meia-volta e regressar amanhã, quando ela não tiver a companhia de uma multidão que ficará boquiaberta assim que eu exigir ver o meu filho. Quando não estiver a festejar a união iminente com outro homem.

Mas não consigo obrigar-me a ir embora. Limito-me a fitá-la, desejando que ela olhe na minha direção.

De repente, ela fica paralisada. Observo o instante em que se apercebe da minha presença. Ela inclina a cabeça para o lado do ombro direito. E a seguir vejo-lhe a orelha e o queixo. Ela para por um milésimo de segundo, como se não tivesse a certeza de querer saber se estou mesmo na linha de mira dela, fazendo-lhe disparar os sentidos.

— Britta — chamo.

Ao ouvir a minha voz, vira a cabeça de repente, como se tivesse ouvido um fantasma e estivesse ansiosa para dissipar a noção de que eu poderia estar a três metros dela.

Os nossos olhares encontram-se. Deixo de respirar. Céus, continuo a achá-la tão bonita.

Nesse preciso instante tenho a certeza de uma coisa: seja lá o que tenha acontecido ou quanto tempo tenha passado, quero-a de volta. Pense a Britta o que pensar, continua a ser minha.

Um arquejo de susto escapa-se-lhe por entre os lábios. Deixa cair a bebida, ficando imediatamente pálida.

A mulher com quem estava a conversar fica com um semblante preocupado e agarra a Britta pelos ombros, lançando-me um olhar fulminante.

Pois, sou o mau da fita aqui. Toda a gente sabe. Até eu.

Dou um passo na direção dela, o que parece libertá-la da estupefação em que se encontrara. Acena para que os amigos não se preocupem e dispara na minha direção com uma expressão entre o choque e a raiva.

Os olhos dela ainda têm aquele tom azul fantástico, quase turquesa, como as águas mais quentes do oceano perto da costa. Foram a primeira coisa que reparei nela. As louras de olhos azuis não são incrivelmente invulgares, especialmente em Los Angeles, onde passei a minha infância. Mas tudo na Britta é diferente. Os olhos dela são rasgados e ligeiramente afastados, contornados por pestanas densas. O efeito é exótico, sexual. A seguir sou absorvido pelos

lábios cheios dela, marcados por uma curva acentuada em cima e uma curva volumosa em baixo. Continuo a sonhar com aquela boca. Lembro-me de todas as vezes que a beijei, de todo o prazer que me proporcionou. Esta noite acentuou os lábios carnudos exageradamente com um brilho suave, que me dá vontade de dizer a todos os presentes nesta reunião para se porem a andar daqui para fora, para eu poder devorá-los.

Mais ninguém tem lábios tão atraentes ou macios quanto a Britta Stone. Acreditem em mim, já procurei. Muito. Não consigo deixar de recordar a forma como os olhos dela se arregalavam a olhar para mim quando entreabria os lábios para libertar um ofego de orgasmo que já não conseguia conter. Era uma das coisas mais sensuais de sempre. Ainda agora costumo fechar os olhos e acariciar o meu caralho a pensar nela.

É de espantar que vê-la em carne e osso esteja a deixar-me duro como o raio?

É de espantar que agora esteja determinado a reconquistá-la?

— O que estás a fazer aqui? — indaga.

Como descobri a casa dela ou porque escolhi esta ocasião para voltar a invadir a vida dela? Vou poupá-la dos pormenores entediantes e concentrar-me na minha prioridade.

— De certeza que, lá bem no fundo, sabias que este dia chegaria. Quero ver o meu filho. Onde está o Jamie?

Os olhos dela arregalam-se em choque. O seu peito retrai-se, como se as minhas palavras fossem mais um aríete do que uma mera pergunta. Leva a mão esquerda ao peito. Traz no dedo um solitário composto de um diamante redondo sobre uma aliança simples de ouro. Ver o anel de outro homem no dedo dela enfurece-me.

Um dia destes, seja como for, hei de substituí-lo por um anel meu.

— Griff..

Percebo que está a lutar com a preocupação assim que o rosto dela fica tenso. E talvez a reter lágrimas. Quero fazer alguma coisa: abraçá-la, garantir-lhe que não pretendo levar o Jamie para longe dela, envolvê-la nos meus braços e beijá-la até se esquecer do mundo.

Mas quando estendo os braços para ela, afasta-se bruscamente.

— Não. Porque haveria de saber que este dia chegaria? Ele tem dois anos e meio e até hoje nunca mostraste qualquer interesse...

— Descobri que ele existe há uma hora. Demorei três minutos a convencer o meu irmão a dar-me a tua morada e 52 minutos de carro até aqui.

Fica a olhar para mim fixamente, absolutamente chocada.

— Tu e o Maxon... falaram?

— Sim. Cara a cara. Fizemos as pazes. A partir de amanhã, vamos trabalhar em conjunto na angariação da propriedade dos Stowe.

Fica pasmada. Ah, pois. É óbvio que a assistente do meu irmão acabou de se aperceber de que, provavelmente, nos veremos todos os dias durante semanas, possivelmente até meses.

— Oh! — Não parece entusiasmada.

Não espero que fique. Vou fazer com que as coisas entre nós voltem a estar bem assim que ela mo permitir. Mas duvido que queira saber disso agora.

— Então... — murmura suavemente —, o Maxon contou-te sobre o Jamie?

— Ele pareceu achar que eu sabia. Escreveste-me uma carta quando descobriste que estavas grávida?

— Acabei por fazê-lo, sim. Como último recurso.

Quero praguejar.

— Não a recebi.

Os lábios da Britta reúnem-se, formando uma linha triste. Consigo perceber que não tem a certeza se há de acreditar em mim.

— Bem, eu... tentei. Eu...

— Eu sei. Não estou a culpar-te.

No lado oposto do pátio, vejo a mulher com quem ela estava a conversar anteriormente a tocar no ombro de um homem. Ele vira-se. É o tipo do fato com quem vi a Britta no mês passado. Um olhar de relance diz-me que ele e a morena são parentes. Irmãos? Ela está a falar depressa, a tentar apontar na minha direção discretamente. O homem percorre o pátio com o olhar, procurando a Britta. Os olhos dele concentram-se em nós. O noivo. É uma complicação de que não preciso, mas lidarei com ele na altura devida.

Um problema de cada vez.

— Agora não interessa. — Soa cautelosa. — Não tens de te envolver. O Jamie é feliz e saudável e...

— *Interessa*, sim senhora, Britta. Ele é meu filho. *Vou* envolver-me.

— Que tipo de pai é que vais ser? — desafia. — É que conheço o teu muito bem. E és demasiadamente parecido com ele...

O meu querido paizinho é um cretino de primeira, que dá umas quecas com as minhas professoras e engravida as secretárias dele, trata toda a gente como cidadãos de segunda, cuja existência deveria girar em torno dele. Eu não sou assim. Quer dizer, já não sou.

— Deixei de ter o que quer que fosse a ver com esse filho da mãe.

— Ainda bem para ti. Mas continuas sem saber nada sobre o que é ser pai. — Dirige-me um aceno com a cabeça como se desejasse que eu entendesse. — Deixa-nos em paz, Griff. O Makaio é bom para o Jamie. É paciente. Arranja tempo para ele. Ele...

— Não é o pai biológico do Jamie. *Eu* sou. Quero vê-lo. Tenho direito ao meu próprio filho.

A pouca cor que lhe assomara ao rosto durante a nossa troca de palavras volta a desaparecer.

— Não tens. Legalmente, ele não é teu. O teu nome não consta da certidão de nascimento dele.

Pretendo corrigir isso o mais depressa possível.

— O primeiro nome dele é o meu segundo nome. Ele é meu. Ambos sabemos isso. Já o admitiste. Deixa-me vê-lo.

Por trás dela, o noivo apressa-se a atravessar o pátio, parecendo determinado a descobrir quem sou eu e porque estou aqui.

Um sulco vertical surge entre as sobrancelhas dela, enquanto me fuzila com o olhar. Sim, está fula. Mas também vejo os olhos dela a ficarem marejados. Tem as mãos a tremer.

— Não.

— Vais mesmo mantê-lo afastado de mim?

Sem saber que, daí a alguns segundos, estarão aqui pessoas a mais, lança-me um olhar furioso.

— Não podes intrometer-te agora. Finalmente sou feliz. Tenho um bom futuro à minha frente. Já me arrasaste uma vez e agora queres estragar tudo outra vez? Vai viver com outra das ex-namoradas do teu irmão e deixa-me em paz.

Mereço isto. A Tiffanii foi um erro enorme.

Ela tenta virar-se. Agarro-a pelo pulso. Céus, tocar-lhe outra vez é tudo para mim. Nem pensar em desistir dela. Mas o namorado está a aproximar-se. Só tenho mais uns segundos sozinho com ela. — Britta...

— Ei! — O noivo tenta agir normalmente ao aproximar-se. É da minha altura, tem uma compleição idêntica à minha. É agradável à vista, dentro dos moldes de um calendário de rapazes havaianos. — Está tudo bem? — Mete-se ao seu lado e pousa a mão no fundo das costas dela, reivindicando o território ao mesmo tempo que me lança um olhar interrogador.

Largo-a — por agora.

— Eu estou bem. — Ela respira fundo e consegue recompor-se. A maioria das pessoas não perceberia. Mas tem a voz a tremer.



Pergunto-me se ele se apercebe. Ou se faz ideia de que ela está a mentir.

— Griffin Reed — digo, finalmente. Não lhe estendo a mão. Não vou fazer de conta que sou amigo dele quando já sei que é meu inimigo.

Ele contrai-se ligeiramente. Sim, ele sabe quem eu sou. Mas o gajo não olha para mim como se eu fosse uma ameaça nem me avisa silenciosamente de que me desmembra aos poucos, sem qualquer remorso, se pousar um dedo que seja na Britta. Filho da mãe idiota. Seria assim que eu olharia se estivesse no lugar dele.

— Makaio Kāle. — Também não me estende a mão. — Porque estás aqui?

— Para ver o meu filho.

Ele franze o sobrolho. É óbvio que não está entusiasmado. Mas também reparo no instante em que ele se apercebe de que não quer meter-se num problema entre os pais biológicos do Jamie.

— Podes dar-nos uns minutos? — pede a Britta, virando os olhos azuis para ele. Noto a súplica.

Detesto pensar que ela teria de suplicar silenciosamente por algo a este homem. Só deve olhar assim para mim quando estamos nus e estou dentro dela a fodê-la tão devagarinho que ela não consegue vir-se mas já não consegue esperar mais, mordendo por isso o lábio para me suplicar com queixumes carentes.

— Está bem. Vou despedir-me da minha irmã — diz o Makaio, relutante. — Estou aqui perto, se precisares de mim.

Sorrio-lhe. *Não te preocupes! Ela nunca mais vai precisar de ti para nada, amiguinho.*

— Obrigada, querido — responde ela suavemente. — Também vou acompanhar o Griff até lá fora.

O carinho com que lhe fala deixa-me de coração destroçado. Tal como a declaração de pretender livrar-se de mim. Eu sei que ela disse aquelas duas coisas para me deixar um aviso. Quer que eu acredite que está dedicada a este tipo. E, até certo ponto, talvez esteja. Mas aposto cada cêntimo que tenho em como conseguiria fazê-la derreter-se toda, se estivéssemos sozinhos.

Acenando a cabeça, Makaio afasta-se. O olhar dela demora-se nele. Reparo no instante em que ela se apercebe de que já não tem uma rede de segurança.

Respira fundo para ganhar coragem e aponta para o portão.

Obstinado, viro-me e abano a cabeça.

— Quero ver o meu filho agora.

— Ele está a dormir, não vou acordá-lo. E *não* foste convidado para a minha festa de noivado. Não a estragues.

Olho à minha volta. As pessoas estão a olhar fixamente e a festa está a começar a esmorecer. O meu primeiro instinto é pressionar a Britta ainda mais, mas a voz dela está a tremer outra vez. Consigo perceber que quer empurrar-me na direção do portão mas não tem coragem para me tocar.

O Griff de há três anos ter-se-ia aproveitado das fraquezas dela, usado-as para a virar do avesso até que lhe desse o que queria. O meu pai ensinou-me a prestar atenção às emoções das outras pessoas e a manipulá-las para alcançar os meus objetivos. O Griff que, finalmente, aprendeu o que é a empatia sente que a Britta precisa que me afaste por hoje. Se não abrandar agora, ela só se tornará mais resistente no futuro. Além disso, espera-me uma hora de viagem até casa e uma reunião amanhã de manhã bem cedo. Uma retirada tática é do meu maior interesse.

Já entrei na cabeça dela. Já plantei a semente de que estou de volta e que não vou embora. Vou deixá-la a marinar essa ideia.

— Está bem — compadeço-me. — Eu vou.

A expressão cautelosa da Britta diz-me que está à espera do senão.

— A sério?

Tiro as minhas chaves do bolso.

— Sim.

*Por agora.*

O seu visível alívio faz-me sentir vagamente culpado.

— Obrigada.

Ela sabe que estou a ser clemente. Também deveria saber que poderei não voltar a vê-lo até fazer parte da vida do meu filho.

Pergunto-me se ela tem noção de que esse mesmo conceito se aplica a ela. De certeza que ainda não, mas irá ter.

— Britta, vamos esclarecer uma coisa. Não quero tirar-te o menino. Não quero virar o mundo dele de pernas para o ar. Só quero fazer parte dele. Vamos começar enquanto ele é pequeno. Vou entrando na vida dele aos poucos, da forma que for mais fácil e melhor para ele. Acho que devíamos encontrar-nos amanhã, talvez para bebermos um copo depois do trabalho para conversarmos...

— Não.

— Não estás disponível a essa hora?

— Nunca mais estarei disponível. Estou noiva.

Aquele facto dá-me um nó no estômago.

— Quando foi que isso aconteceu?

Ela desvia o olhar para baixo.

— Eu disse o sim há cerca de quatro horas. O Makaio ligou a toda a gente e eles fizeram-me a surpresa com a faixa, a comida e...

*Foda-se!*

— Não estou a convidar-te para um encontro romântico — replico. — Estou a pedir-te para nos sentarmos para podermos ser adultos e falarmos sobre o nosso filho.

— Se queres mesmo o melhor para o Jamie, desaparece. Ele é pequenino e não vai entender o teu papel repentino na vida dele. O Makaio será um bom pai. Volta para os teus dias de trabalho de 24 horas, para os teus casos sem importância — segue para lá do portão e deposita um olhar de troça no meu descapotável desportivo de duas portas, nada prático — e para o teu carro desportivo de solteiro e desaparece outra vez. Ficamos todos melhor assim.

— *Nunca* vais conseguir convencer-me de que o meu filho fica melhor sem mim.

A porta da frente chia ao abrir. O Makaio e a irmã saem. Ele nunca desvia o olhar de mim enquanto a acompanha até a um *sedan* velho. Depois saem mais algumas pessoas, claramente futuros cunhados. A seguir vão os vizinhos, caminhando para as respetivas casas. Está toda a gente a olhar. Digo um palavrão. Tudo o resto que quero dizer terá de esperar. Tendo público, esta não é a hora nem o lugar certos.

Aproximo-me, perto do ouvido dela, tentando ignorar o aroma a jasmim que ela tem sempre e que me enlouquece.

— Não vou embora porque te convém. E não te abandonarei simplesmente porque te magoei ou porque não gostas da maneira como te confundo, Britta. Voltei. E nunca mais vou embora.